

Salvador > Salvador (Remontagem no Solar Ferrão)

Articuladora

Janaína Chavier

Vice-líder do Laboratório de Estudos de Imagem e Arquitetura - LEIA.
Pós doutoranda pós doutoranda no Programa de Pós- Graduação
em Crítica Cultural pela UNEB.



Foi em uma pequena sala, chamada de “antiga sala da administração”, que a exposição *Urbanos Arquivos* foi remontada, permanecendo apenas de 11 a 20 de setembro de 2024, quando toda a edificação fechou suas portas para uma grande reforma.

No Centro Cultural Solar Ferrão, a exposição *Urbanos Arquivos* ganha outro sentido e parece encontrar o seu lugar no mundo (ou um dos seus lugares). De alguma forma, já imaginávamos/especulávamos isso, quando pensamos nesse deslocamento, Ladeira da Barra -----> Pelourinho. O que eu não esperava é que esse encontro se daria tão rapidamente, já nos primeiros momentos da montagem, no desembulhar das imagens.

A cada fotografia desempacotada por Salles e Quinha – os profissionais que fizeram a montagem da exposição – um chamado para um mergulho nas imagens ali presentes, no tempo e na história do Pelô. Conto aqui, neste breve relato, duas passagens desses dois intensos dias de montagem.

Quinha faz uma foto da foto, feita por Lázaro na década de 70, e envia por Whatsapp para o Sr. Wilson, dono do famoso bar do reggae, que aparece na imagem atrás do balcão. Após o envio da imagem, um áudio: “Aí, Wilson! Olha aí, uma foto sua dos bons tempos de quando você começou a vender o cravinho”. Ficamos nós três com a imagem nas mãos, enquanto Quinha e Salles tentavam reconhecer cada detalhe, cada pessoa localizada atrás e na frente do balcão do velho bar do reggae. Uma frase, dependurada na parede do bar, ao lado das inúmeras fotos e matérias de jornais de Bob Marley, salta da fotografia: “Meu cabelo enrolado não significa que sou drogado, mau ou marginal. Sou rasta! A paz e não a violência!”.

Após o áudio, a fotografia ganha um lugar especial na pequena sala do Centro Cultural Solar Ferrão. Salles fez questão de dependurá-la no interior de um nicho, protegida do vento que entrava pelas janelas, ao mesmo tempo em que ganhava destaque por estar sem avizinhamentos imediatos. Uma espécie de altar se fez.

Foram dois dias de muito trabalho e muitas surpresas. As centenárias paredes do Solar não aceitaram de imediato as fotografias, a tal que cobria as paredes fazia as fitas dupla face perderem a aderência e os nossos pregos não conseguiam perfurar a parede maciça da edificação.

Interrompemos algumas vezes a montagem para a compra de materiais.

Fomos à rua do Saldanha, em direção ao Terreiro de Jesus, em uma loja de ferramentas. Enquanto andávamos pelas ruas do Pelourinho, as imagens da exposição nos acompanhavam; e mais do que nos acompanhar, elas traçavam nossos caminhos pelas ruas onde, no passado, Lázaro havia feito as fotografias. Salles fazia questão de passar pelas casas, árvores, ruínas, ruas fotografadas. Um outro Pelourinho se revela naquele percurso. Um Pelourinho que é reconhecido por seus moradores. “Não existe isso de Pelourinho, o que existe é Rua das Laranjeiras, Maciel, Rua do Tijolo, porque cada rua é um mundo”, conta Salles, que explica que o nome Pelourinho não é muito utilizado pelos moradores da região.

Na rua do Saldanha, não encontramos tudo. Faltou parafusos em L. Fomos então na J. J. Seabra. Passos largos. Várias vezes tive que correr para acompanhar Salles. Não encontramos o que queríamos. Fomos no Comércio. Das ruas da Cidade Baixa, Salles direcionava o meu olhar para o alto, para a paisagem, para a Cidade Alta, em busca das edificações fotografadas que compunham a exposição. Com os parafusos em L em mãos, comemos um pão com pernil, tomamos um suco e voltamos para o Solar Ferrão.

A promessa de comemorarmos o fim da montagem em algum bar do Pelourinho não se cumpriu. Com meu corpo exausto de tanto subir e descer escadas, furar parede, pensar junto com Sales e Quinha as várias soluções para os desafios que o novo espaço a todo momento lançava, fui para casa, caminhando pelas ruas, até o ponto de ônibus mais próximo. No dia seguinte, a nova *Urbanos Arquivos* abriria ao público.

Sobre o Centro Cultural Solar Ferrão

O Centro Cultural Solar Ferrão¹ é um espaço de arte instalado no Solar Ferrão, uma das muitas edificações que compõem a poligonal do Centro Histórico de Salvador (CHS).

1. O Solar Ferrão integra os espaços administrados pela Diretoria de Museus do Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural (DIMUS/IPAC), da Secretaria de Cultura do Estado (Secult-BA).

Sua construção foi iniciada em fins do século XVII e indícios construtivos sugerem que ele seja resultado da fusão de dois sobrados. Uma dessas casas pertenceu ao endinheirado comerciante português Antônio Maciel Teixeira, quando a cidade vivia o seu auge econômico derivado ao ciclo da cana-de-açúcar². Após 1756, passou a ser sede do seminário dos jesuítas de Salvador, que realizou obras de adaptação. Entre 1793 e 1814 foi residência de Pedro Gomes Ferrão Castelo Branco.

Adquirido em 1977 pelo Governo do Estado da Bahia, foi tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em 1938, e até se tornar Centro Cultural Solar Ferrão, teve diversos usos, dentre eles um cortiço fragmentado em muitas moradias e usos comerciais.

Localizado na movimentada esquina da rua Gregório de Matos com a Ladeira do Ferrão, em uma zona de grande declive, o casarão de aproximadamente 4.000 m² (com seis pavimentos, três deles no nível da ladeira e três abaixo) abriga hoje, além do Centro Cultural Solar Ferrão, o Museu Abelardo Rodrigues e três coleções, a de Arte Africana, a Coleção Walter Smetak e a Coleção de Instrumentos Musicais Tradicionais Emilia Biancardi.

Sobre a Galeria da Aliança Francesa

A galeria da Aliança Francesa é um espaço para exposições de artes visuais instalado no andar térreo do edifício da Aliança Francesa que está localizado na parte “nobre” da Avenida Sete de Setembro³ – Ladeira da Barra na cidade de Salvador.

A antiga “Pensão Francesa”, com características neoclássica, datada de meados de 1800, foi tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional em 1981. A edificação possui quatro níveis (porão, térreo, primeiro andar e sótão) e é hoje um equipamento cultural, onde se distribuem uma escola de idiomas, o Consulado Honorário da França no Brasil, o Teatro Molière e a Galeria de Artes.

Importante dizer que nos fundos da Aliança Francesa está a Baía de Todos os Santos, o que reforça o seu status de nobreza, em relação à sua localização.

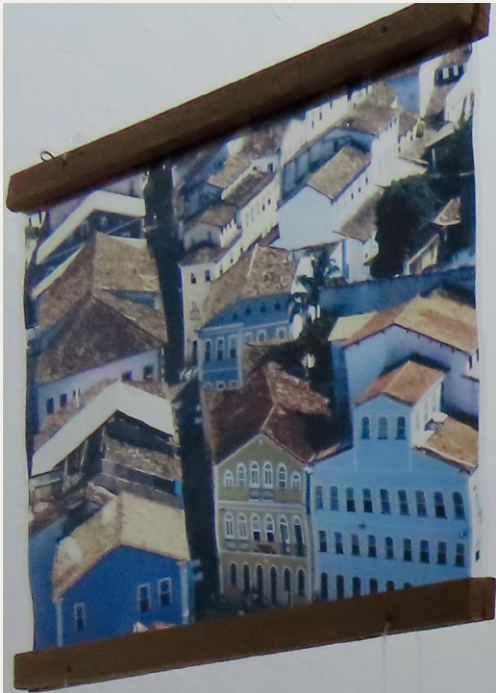
2. LOBO, Maria das Graças Campos. Solar Ferrão e Museu Abelardo Rodrigues - uma lição de Belas Artes, in: *A Corte Celestial: 25 anos de arte e devoção - Catálogo*, IPAC, Salvador, 2006.

3. A Avenida Sete de Setembro, comumente chamada de Avenida Sete, é uma das principais e a mais tradicional das vias urbanas do município de Salvador. Inaugurada em 1916 pelo então governador José Joaquim Seabra, foi palco de acontecimentos históricos e local de marcos arquitetônicos importantes, abrigando museus, igrejas, hospitais, escolas e hotéis. Possui 4,6 km de extensão e foi idealizada como parte do plano de reforma urbana de Salvador iniciado em 1912, buscando conectar o centro antigo aos novos bairros que surgiam ao sul da cidade.





















Seu pudor, o silêncio dominava e era interrompido espaçadamente, por gritos impressionais ao longe. O lixo acumulado sobre na parede de algumas casas; noutras, **tramas de metais** ancoradas sem pudor. Portas fechadas. Dali ou lá cá caminhavam no meio da rua, que de estreita não aceita muito; mas pede. Vão em passos largos, ombros em balanço, ritmados. Portas fechadas. No arremate do caminho, um sentado na sombra faz fumaça num cigarro curto, indiferente ao rodado. De uma das portas sai uma mulher alta, esgula, cabelos molhados, bolsa a tiracolo. Já sai de casa, tó indo pro ponto, olz ao telefone. Da porta recém fechada, olho para cima, janelas abertas. Uma senhora com copo na mão, um rapaz varrendo a sacada. Mas à frente, portas e janelas fechadas por tijolos. **Aqui podia morar gente.**



COMO CITAR

CHAVIER, Janaina. Salvador > Salvador. (Remontagem no Solar Ferrão).
RUA: Revista de Urbanismo e Arquitetura, n. 12, p. 144-157, 2025.